

# A ESCRITA MEMORIALÍSTICA EM *VIDA – VIDA*, DE MARIA HELENA CARDOSO

Ana Remígio\*

## Resumo

O livro *Vida vida*, de Maria Helena Cardoso, traz à luz um delicado período da autora e de seu irmão, o escritor Lúcio Cardoso, quando este, vítima de um acidente vascular cerebral, perde a possibilidade da expressão escrita. Ao analisarmos este relato, notamos a proximidade com o mito de Antígona – a preocupação e o sacrifício pelo irmão. Apoiando-nos nos estudos sobre a escrita memorialística analisamos o referido texto, relacionando-o ao mito a partir de trechos do coro da peça de Sófocles.

**Palavras-chave:** memória; Antígona, mito.

## Abstract

*Vida vida*, Maria Helena Cardoso's autobiography, shows a period full of pain when her brother, the writer Lúcio Cardoso, had a vascular disease and lost the capacity to write. Analyzing this report we noticed the proximity with the myth of Antigone – the care and the sacrifice for her brother. We analyzed the text based on memory studies, relating it to the myth using passages of Sophocles' *Antigone*.

**Key words:** Memory; Antigone, myth.

Uma desconhecida e seu famoso irmão. Eis aqueles que vamos encontrar.

A desconhecida mostra-se, enquanto revela espaços e tempos do (e com o) famoso.

Agora descoberta, a desconhecida fala do irmão, que permanece, mas já não existe mais.

Duas vidas.

Hoje eu acordei com medo, mas não chorei  
Nem reclamei abrigo  
Do escuro eu via um infinito sem presente  
Passado ou futuro  
Senti um abraço forte, já não era medo,  
Era uma coisa sua que ficou em mim (que não tem fim)  
De repente a gente vê que perdeu  
Ou está perdendo alguma coisa  
Morna e ingênua  
Que vai ficando no caminho  
Que é escuro e frio, mas também bonito  
Porque é iluminado  
Pela beleza do que aconteceu  
Há minutos atrás

Cazuza/Frejat – *Poema*

*Vida – Vida*, de Maria Helena Cardoso, traz o relato dos seis difíceis anos em que Lúcio Cardoso, após um derrame, fica aos cuidados da irmã. Apesar de concentrar-se em torno da luta com o irmão, contra as seqüelas advindas em consequência do derrame, Maria Helena transita por vários espaços e tempos. Mas nosso artigo abordará mais detidamente a relação dos irmãos.

Inicialmente, abordaremos o livro e sua escritora, estudando-lhes os aspectos memorialistas, buscando apoio, ao investigarmos a confirmação do texto quanto àquele gênero, no trabalho de Philippe Lejeune. Também observaremos outros estudos que apoiem nossas observações.

Em seguida, ao relacionarmos a história de Helena Cardoso ao mito de Antígona (por nós detectado em seu zelo e dedicação a Lúcio), nos deteremos na trajetória de angústia e dor, apoiando-nos, para tal, em falas do coro da peça *Antígona*, de Sófocles, que guiarão o texto.

\* Mestranda em Letras – Literatura Brasileira, UFC; bolsista da FUNCAP.

## 1. HELENA E A MEMÓRIA

Parece que tudo foi há muitos anos, foi ontem, foi um dia de sonho que já se esfumaça na minha memória, ameaçado de desaparecer totalmente não fosse o registro do que aconteceu naquele tempo que não sei se existiu de verdade [...].

Maria Helena Cardoso

Maria Helena Cardoso. Mais uma vez Minas Gerais reforça sua tradição memorialística.

A autora nasceu em Diamantina, em 1903. Era irmã do escritor Lúcio Cardoso e sobre ele tece parte do texto de seu segundo livro de memórias<sup>1</sup>, *Vida – Vida* (1973), objeto deste estudo.

O título é formado pelos subtítulos dados às duas partes do livro.

Na primeira parte, caótica, Maria Helena revela vários tempos, em mixórdia, em trechos de variação distinta, alguns até telegráficos. As lembranças são permeadas por “saltos” reflexivos – desvios do olhar do pensamento, que Eliane Zagury (1982), em bela imagem, explica: “o memorialista [...] sente a necessidade de fincar marcos externos onde segurar-se – bóias flutuantes a fazer de pique, no seu a braços com o inconstante mar da lembrança, sob o império ora da tormenta ora da calmaria”.

Na segunda parte, há um núcleo evidente: a doença de Lúcio Cardoso. Outros tempos se apresentam, outros habitantes do mundo-memória da autora, mas é o irmão que domina a narrativa.

Em elogioso artigo sobre o livro, Wilson Martins comenta:

*Não é realmente por se tratar de Lúcio Cardoso, que o livro irradia tão poderosa atração, é por se tratar de uma parábola “Cheia de furor e sem sentido nenhum”. Trata-se do artista fulminado pela maldição dos deuses. [...] é a história do homem impotente, lutando com o destino; as tiranias do amor e o mal-entendido que é a vida. (apud COELHO, 2002)<sup>2</sup>*

Seguindo a definição de Lejeune para escrita autobiográfica<sup>3</sup>, podemos detectar em *Vida – Vida*, elementos que o enquadrem nesse estilo: é uma narração retrospectiva, em prosa, autodiegética (apesar de focalizar, em boa parte, Lúcio Cardoso, é sobre variadas impressões pessoais de Maria Helena que se pauta o texto). Temos, na folha de rosto do livro, abaixo do título, a palavra “memória”. Podemos assim, observando estes elementos, depreender que se trata da escrita sobre o “eu”.

O discurso confirma o livro de memórias, pois transcende a dimensão exclusivamente pessoal, apresentando o entorno de maneira crítica, abordando também a história socio-política – a memória coletiva é transposta, assim, na obra. Completa-se, dessa forma, nossa compreensão de que *Vida – Vida* atende aos conceitos de memorialismo.

Em seu livro anterior, segundo Denise N. Lima, a escritora reporta-se à Segunda Guerra Mundial, bem como à Revolução de 30<sup>4</sup>. Em *Vida – Vida*, Helena Cardoso faz relatos sobre a conturbada década de 60. Encontramos, por exemplo, um episódio em que ela, curiosa quanto a ação do gás lacrimogênio, deseja presenciar uma ação contra estudantes, por parte da polícia:

*Tinha conseguido o que queria, dentro do banco, protegida pelas cortinas, poderia assistir a tudo que se passava, sem correr perigo. [...] Súbito o ruído de pedras. São os estudantes que voltam, investindo, correndo com destemor para enfrentar a PM que se movimenta ao encontro deles. Nova chuva de pedras passa diante de nossos olhos, protegidos pela vidraça. Os estudantes continuam avançando em grupo, atirando pedras e mais pedras, cada vez mais próximos do Ministério. São cem, duzentos, sei lá, decididos, corajosos, não recuando nem mesmo ante o perigo de morte. (CARDOSO, 1973)*

Ou, ainda, a morte de Che Guevara:

*[...] Aquele homem, que direito lhe cabia de intrrometer-se na vida dos países sul-americanos? Se quisesse meter-se com o seu, vá lá, mas no nosso Brasil, por exemplo, não. Não tinha o direito de nos inquietar, de trazer a desavença entre irmãos. Vez por outra a notícia da sua captura ou morte, logo em seguida desmentida. Agora via ali na televisão o seu corpo, a sua morte verdadeira fotografada, confirmada. [...] Mas agora era verdade mesmo; mas que tinha a ver com aquele homem? Era apenas um nome nocivo que desaparecia do noticiário dos jornais. (idem)*

Recorrendo mais uma vez aos conceitos de Lejeune, Maria Helena Cardoso é uma “desconhecida”, posto que, para o pesquisador francês, faz-se necessário que o escritor tenha publicado textos precedentes não-autobiográficos: “Falta, aos olhos do leitor, esse sinal de realidade que é a produção anterior de outros textos” (LEJEUNE, 1975) que sejam de ficção, compondo assim o espaço autobiográfico. Segue, portanto, o caminho trilhado por Pedro Nava, nome máximo do memorialismo brasileiro, que desenvolveu uma obra de fôlego em memórias, sem trazer à luz textos ficcionais que estabelecessem o pacto fantástico<sup>5</sup>, de verdades veladas.

<sup>1</sup> Publicou, anteriormente, *Por onde anda meu coração* (1967).

<sup>2</sup> O artigo foi originalmente publicado no Suplemento Literário OESP, em 04.08.1974.

<sup>3</sup> Cf. LEJEUNE, 1975.

<sup>4</sup> Cf. LIMA, 2002.

<sup>5</sup> Cf. LEJEUNE, 1975, p. 47.

Somente em 1979, Helena Cardoso publicará um romance, *Sonata perdida*, com um sugestivo subtítulo: *Anotações de uma velha dama digna*. Assim, a autora fornece, apenas *a posteriori*, um espaço autobiográfico, onde possam ser achados os “fantasmas reveladores de um indivíduo” (idem).

E por que se “revelar”? Vaidade simplesmente? Haveria entre os escritores sempre o mesmo desejo de se expor?

Socorro Acioli, em recente publicação sobre Rachel de Queiroz, fala-nos da dificuldade de conseguir, da escritora, passeios pela memória. Ela resiste, dissimula um espanto pelo interesse, astuciosamente metralha sua cronologia para fugir ao mergulho profundo:

*Nascimentos, mortes, primeiro marido, segundo marido, casas onde morou, cidades onde viveu. A viagem ao passado é rápida, em poucos minutos ela retorna ao momento presente.*

*- Pronto, só isso. Agora estou aqui, velha, gorda e chateada, esperando que o descanso chegue logo. Aceita um cafezinho? (ACIOLI, 2003)*

Mesmo tendo produzido um livro de memórias (com a irmã Maria Luíza), Rachel de Queiroz declarava-se avessa à divulgação de sua vida. Rejeita expor-se.

Aceitando o tangencial cafezinho de Rachel, prosseguimos no mesmo pensamento: o que poderia levar alguém a se revelar sem permissão? Para o indivíduo, qual o sentimento propulsor (melhor seria - “pro-pulsante”) que conduz a uma exposição do “eu” ao outro?

No tempo que escoo, o memorável escapa ao limbo.

Sueli Oliveira, em trabalho apresentado sobre Milton Dias, para esta mesma disciplina<sup>6</sup>, destaca que, para esse escritor, é uma maneira de preencher vazios.

Segundo Celina Fontenele Garcia (1997), Pedro Nava escreve suas memórias, pois “é a solução encontrada para preencher a solidão do velho que se sente posto de lado”.

Eliane Zagury (1982) informa-nos que o Visconde de Taunay “atribui-as ao lazer forçado de prematura aposentadoria política”.

Sobre seu primeiro livro, Maria Helena Cardoso nos dá seu depoimento: “Eu o escrevi para não perder inteiramente meus pais, minha infância, uma época. Não queria que morressem comigo as pessoas que amei, queria dizer como elas eram e como me amaram” (CARDOSO, 1973).

Em *Vida – Vida*, diferente do que observa Sueli Oliveira em Milton Dias, Helena Cardoso parece querer esvaziar-se. Esgotar a dor que a preencheu durante a doença e após a morte do irmão ou, ainda, ter certeza de que tamanha

dor, tão violenta, pudesse ser real e, acima de tudo, suportada. Reter Lúcio, o tempo com Lúcio. Expor-se nas memórias para que evapore a dor e reste Lúcio, e surja o que da própria escritora restou. No seguimento da epígrafe que inicia esta parte do trabalho, a revelação:

*[tempo que] com medo de perder, busco sempre nestas páginas que escrevi do tempo de antes, de alegria, do de depois, do sofrimento, ao longo e depois desses anos que procuro cada vez mais, para não perder aquele que perdi e aquela que fui e que começa a deixar de ser, antes e depois. (idem)*

Simultaneamente, a escritora não resiste quando é instada pela escritora Clarice Lispector, em crônica publicada no *Jornal do Brasil*<sup>7</sup> (incorporada ao livro como nota introdutória):

*Helena Cardoso, você que é uma escritora fina e que sabe pegar numa asa de borboleta sem quebrá-la, você que é irmã do Lúcio para todo o sempre, porque [sic] não escreve um livro sobre Lúcio? Você contaria de seus anseios e alegrias, de suas angústias profundas, de sua luta com Deus, de suas fugas para o humano, para os caminhos do Bem e do Mal. Você, Helena, sofreu com Lúcio e por isso mesmo mais o amou. (apud CARDOSO, 1973)<sup>8</sup>.*

A memória da escritora é fragmentada, caótica, e transita por vários tempos e lugares, sem uma preocupação cronológica. Infância, juventude, velhice – as estações da vida vão sendo visitadas em rota não traçada, atemporal: surgem e são expostas na intensidade emocional, que caracteriza o texto.

Em *Por onde anda meu coração* essa escrita já pode ser notada:

*O caráter seletivo da memória é responsável pela ausência de linearidade das narrativas memorialistas em geral. [...] A autora utiliza a técnica da descontinuidade dos capítulos para representar a fragmentação da memória. Durante toda a narrativa há uma alternância entre o passado distante e um mais recente. (LIMA, 2002)*

Mas a escrita fragmentária em *Vida – Vida* também é daquele que procura reorganizar a si próprio.

No início Lúcio, já morto, é uma lembrança recente, mas já impulsionada pelo tempo subjetivo da irmã-escritora: “Foi ontem que ele morreu, foi há tanto tempo, tanto tempo. Na parede, o seu retrato de vivo já começava a ser retrato de morto, longe, cada vez mais longe”. (CARDOSO, 1973).

<sup>6</sup> *Memorialismo e autobiografia na obra Cartas sem respostas, de Milton Dias* - seminário apresentado em 03 de novembro de 2003.

<sup>7</sup> No livro de Maria Helena Cardoso, encontramos datas diferentes para a publicação da crônica: 11.01.69, em epígrafe, e junho de 1973, na nota introdutória. Tendo em consideração ter sido o livro publicado em 1973, inclinamo-nos a acatar a primeira data como a verdadeira, levando-se em consideração o tempo de preparo do mesmo.

<sup>8</sup> Ver em ANEXOS, a crônica integral.

Em seguida, Lúcio antes da doença, a juventude, a doença, a infância, a morte... Na intensidade emocional da escritora, as vivências saltam ao serem chamadas pelo tempo presente, ou não. Convocadas pela necessidade ou por *madeleines*, várias, o tecido se forma e, qual tapeçaria dos antigos, deixa registrada a vida de Helena, a possível vida de Helena, que assiste a/à morte do escritor-irmão e, depois, do irmão-escritor.

## 2. A MEMÓRIA DE ANTÍGONA<sup>9</sup>

Sete de dezembro de 1962.

Inicia-se o ato. “Começava um outro dia, uma outra vida, diferente. Tudo tinha acontecido, o que seria a partir de agora?” (CARDOSO, 1973)

O escritor Lúcio Cardoso, em pleno vigor artístico, tem um acidente vascular cerebral (AVC). Após dias difíceis no hospital, em luta contra a morte, ele recebe alta e retorna para casa. Não a sua, não mais. Nunca mais. Lúcio sobrevive, mas as seqüelas impossibilitam o escritor. Maria Helena Cardoso cuidará do irmão nos próximos seis anos, em sua própria casa.

Esse período é o eixo sobre o qual se desenvolve o livro *Vida – Vida*. Helena Cardoso relata, em memórias, o período em que cuidou do irmão Lúcio, que, hemiplégico direito e também disártrico<sup>10</sup>, teve ainda, como consequência do AVC, uma afasia: o brilhante escritor, que tinha uma limitação nos movimentos e na fala, também não conseguia mais compor frases escritas.

Maria Helena Cardoso testemunha a vida/morte do escritor – o corpo privado da vida produtiva<sup>11</sup>. Diante das limitações do irmão, ela será a guardiã.

O mito de Antígona encontra, nessa história (dos domínios de *Mnemosyne*, a deusa da memória), uma materialização.

Segundo GREENE e SHARMAN-BURKE (2001), “Esse mito grego diz respeito ao amor e lealdade profundos que podem se desenvolver entre irmãos”. E ainda:

*A imagem de Antígona chegou até nós como um símbolo da lealdade absoluta diante da morte. Trata-se de uma irmã que, longe de invejar o irmão, reconhece a injustiça da sorte que lhe coube e se recusa a compactuar com ela, ainda que isso signifique oferecer sua própria vida.* (idem, p. 36)

Tal qual Antígona, ela é capaz de chegar “ao extremo de recusar uma vida de desabrochamento pessoal através de outro amor” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998).

A segunda parte do livro traz a história da lealdade e o amor de uma irmã por seu irmão que, segundo ela, foi injustiçado pela vida.

*CORO - À mansão tenebrosa desces, coberta de glória, sem que tenhas sofrido pelas doenças ou pela espada. Só tu por tua própria vontade, entre os vivos, descerás ao Hades!*

Helena-Antígona abdica de viver livremente sua própria vida, para cuidar de Lúcio Cardoso. Ao longo do livro, a escritora revela um grande desprendimento, um desmedido amor, mas não se reveste (ou traveste) de caráter divino. A frágil humanidade, em alguns momentos, fende o verniz estóico – é o mito-craquelê: “De novo as correntes e de novo o anseio pela liberdade [...] Quero a minha vida antiga, a vida em que ninguém precisava de mim, em que eu era só. Quero a minha vida de antigamente em que não sofria assim” (CARDOSO, 1973).

Mas, naquele momento, mesmo entre desabafos como esse, a opção estava feita: cuidar do irmão. Talvez Helena ainda sentisse o peso de uma opção diversa, feita anteriormente, em relação à mãe, relatada em seu primeiro livro, *Por onde andou meu coração* (1967), : “Morria de pena daquela angústia que aumentava dia a dia, mas não sacrificava o meu modo de viver, permitindo-lhe uma vida mais calma, de acordo com a sua idade avançada. Isto não, a mim também me tinha atacado uma doença da qual não conseguia curar-me: o egoísmo” (apud NORONHA, 2001).

Cuidar de si ou de outro? A escolha em cumprir-se por outrem. Segundo Kathrin Rosenfield (2002), na escolha reside a tragédia: “o herói age escolhendo um bem, mas desde o início de sua ação já se anunciam as sombras do ‘erro’ – isto é, de uma delimitação própria do homem, incapaz de realizar todos os bens”.

Contraditoriamente, a escritora, ao revelar, por vezes, pensamentos egoístas, poderia estar tentando cooptar o leitor, tentando conseguir-lhe compreensão, ou seriam outras suas intenções? Para uma confissão sincera, a busca de uma absolvição? Ou, em um providencial divã, a necessidade de pacificar a si própria?

O escritor Pedro Nava, em seus relatos, vingava-se dos “demônios” que o afligiram e, ao fazê-lo, sobrevinha-lhe o esquecimento e o perdão (GARCIA, 1997). Helena Cardoso também exorciza seus demônios, contudo, buscando, aparentemente, o perdão (ou a paz) para si.

O divã, aliás, é necessário para perscrutar a relação da memorialista com a culpa e com Deus:

*Foi terrivelmente afetado na palavra e na escrita e não acredito que consiga uma recuperação total nessa parte, só mesmo um milagre. Poderá falar um pouco, escrever o suficiente para fazer-se entender. Mas continuar a sua obra, só mesmo um milagre. Orgulhava-me tanto dele que chego a pensar que Deus quis punir a minha vaidade, tirando-lhe aquilo de que me orgulhava.* (CARDOSO, 1973)

<sup>9</sup> As epígrafes que guiam esta parte do trabalho foram extraídas da peça *Antígona*, de Sófocles (2003).

<sup>10</sup> Com dificuldade na articulação das palavras.

<sup>11</sup> A privação refere-se à vida literária, posto que Lúcio conseguia pintar com a mão esquerda.

Ou, nesse trecho, ainda atormentada com sua conduta supostamente humilde:

*Durante todo esse tempo venho me fazendo de conformada com os [...] desígnios [de Deus], mas no íntimo reconheço que quero apenas tapeá-lo com minha suposta humildade. Como se a gente pudesse tapeá-lo... O que eu quero mesmo é que Ele faça o milagre, restabeleça Nonô na sua plena inteligência de criador. Apesar de minha audácia, do meu desafio quase, tenho esperança de que Ele ainda se dignará a me ouvir, pois sabe que é a dor que me faz tão pouco humilde e conformada com a sua [sic] vontade. E depois, por que punir Nonô, se sou eu a orgulhosa?* (idem)

Ou na anulação diante Dele:

*Vamos esperar, confiar na vontade de Deus, ainda que não o mereça, por ele [Lúcio], pelo seu sofrimento. Quando falo de não merecer não me refiro a ele, mas a mim que, se não me julgo uma grande pecadora, me tenho na conta dos poucos amados por Ele. [...] Quisera ter sido uma grande pecadora para agora arrepender-me do fundo do coração. Assim como sou, não sou nada: incolor, inodora e insípida aos olhos de Deus.* (idem)

E observamos chegar ao clímax, com a morte do irmão:

*[...] Lourdes reza sem parar e eu não sei, não tenho o que dizer a Deus, que acaba de me magoar tão profundamente. Pode ter sido misericordioso o seu ato [...], mas naquele momento não entendo, não aceito, não quero aceitar a sua misericórdia. Nunca entendi mesmo o seu amor. [...] Morreu, morreu porque eu não soube amá-lo com a força para retê-lo aqui. [...] e morreu, morreu porque deixei a decisão a Deus, não o comovi com a força de meus rogos, não supliquei o suficiente, não exigi mesmo o milagre”* (idem, p. 363).

Essa atitude pode, talvez, ser iluminada por um possível sentimento de culpa advindo das projeções de Helena em Lúcio. Ela chega a cogitar se a sua incapacidade para qualquer outro trabalho (referindo-se a sua insignificante vida profissional) não estaria ligada a uma latente literariedade (CARDOSO, 1973).

Denise Lima (2002) relata:

*Quem conhece ao menos um pouco da vida de Maria Helena Cardoso sabe de sua imensa feição pelo irmão Lúcio Cardoso, escritor de renome. Como era mais velha, Maria Helena cuidou de sua educação, quando ele, adolescente, retornou do colégio interno. Descobrimo seu talento para as Artes, especialmente o cinema e a literatura, estimulou-o sugerindo leituras, orientando suas primeiras criações, como se desejasse ver realizado aquilo que elas própria não fizera. Ela, que amava a literatura e conhecia a arte de narrar, transferiu para o irmão o sonho de se tornar escritora. (grifos nossos)*

A escritora, portanto, projeta-se em Lúcio e absorve o sucesso do irmão, cumprindo-se artisticamente nessa relação-espelho: o escritor-irmão é a Helena possibilitada. A culpa cristã, pela soberba, a perseguiu insistentemente durante os anos da doença de Lúcio. Culpa e amorosidade intensa – amalgamadas, geram a angústia.

O amor que liga Helena ao irmão “Nonô” (apelido de Lúcio) é pleno da jovialidade e da alegria que emanavam dele. O contraste entre a vitalidade do escritor e sua morte aguçam, na escritora, o sentimento de dor. Além disso, Lúcio sempre fora uma ponte para o suportável, para uma vida idealizada a partir da realidade:

*[...] Lembro Nonô tão alegre, a cabeça cheia de fantasias, principalmente quando se tratava de viagens, jovem ainda, com vários livros publicados, muitos ainda por escrever. [...] Contagiada pelo seu entusiasmo, pela força da sua fé e da sua imaginação, eu acreditava seriamente na realização de todos aqueles castelos, até mesmo nas coisas mais impossíveis. Para mim tudo poderia ser, nada era impossível para ele, a quem admirava mais que tudo: romances, poemas, belas fazendas saídas do nada. Sobretudo eu o amava muito. Uma velha casa de taipa, uma terra pobre e de mato, por um prodígio de fé e amor, se transformavam numa bela mansão, numa fazenda cultivada, canaviais ao longe, rebanhos pastando, criação no pátio* (CARDOSO, 1973).

CORO - *Ainda a mesma tempestade a lhe turbar a alma sofredora!*

Atendendo ao pedido da escritora Clarice Lispector (visto no segmento anterior), e também ao impulso de extravasar o sofrimento da dupla perda (o irmão-escritor incapaz de produzir e, anos depois, a morte definitiva deste), Maria Helena Cardoso relata sua dor. Uma dor que é, ao mesmo tempo, abissal (vinda dos sentimentos mais profundos), e que também fustiga os tecidos mais epidérmicos da vida, captando a transformação do mundo em volta.

Insistentemente a memória volta àquela data, que marca o início da tragédia de ambos: Helena-Antígona e Lúcio-Polinice. Por vezes de forma branda, numa memória já embalsamada: “Hoje, quando penso na agonia daquela madrugada, em que a tristeza caiu para sempre sobre a minha vida tão alegre antes, sinto que mesmo nos piores momentos nunca a esperança me abandonou”. (idem)

O texto é marcado, freqüentemente, pela angústia, pelo desespero, por vezes chegando a uma tensão trágica, exacerbada (como pode ser conferido em citações anteriores).

O *leitmotiv* que rege esta tensão constante é a morte. Assim como na obra de Pedro Nava, “Nessa história está presente a figura da morte, morte das pessoas, das coisas e dos fatos, ressuscitados e revividos pela memória” (GARCIA, 1997).

Em vários trechos, Helena Cardoso reporta-se a este assunto: é visível a obsessão angustiada, e também questionadora<sup>12</sup>:

“É estranho pensar que tenho de morrer um dia. Por quê? Qual a razão de tamanha injustiça? Por que nascer para morrer?” (p. 18)

“Não quero pensar nem falar na morte. Entretanto, este pensamento não me deixa um instante sequer”. (p.20)

“Não me habituo à morte como fim. Fim por que e para quê?” (p. 56)

“De que adianta tudo que escreveu, se nada o preservou da doença e da morte!” (p. 118)

Em páginas quase seguidas (182-184-185-186), chega a falar em morte seis vezes... em cada uma! Na única página (183) do referido intervalo, que não acompanha a estatística, ela faz dez (!) referências.

A angústia, a tensão e o medo, já presentes pelas constantes perdas de amigos, parentes e pelo complicado estado do irmão, serão reforçados após resultados de exames da própria Helena: câncer. A “sentença” (como ela mesma chama) faz aflorar novas manifestações de seu já fragilizado interior:

*Se não me dizem nada, não me procuram, penso: estão procurando se desprender de mim, não é bom estar ligado a uma pessoa ameaçada. Melhor preparar o futuro, outras amizades. E passo a perscrutá-los, tentando adivinhar o que poderão pensar, armando-lhes ciladas para saber o que pensam realmente, coisas que me metem medo e que anseio para que sejam desmentidas. [...] Meu Deus, serei mesmo eu a ameaçada? (p.300)*

Na introspecção, ao desvendar seu momento, Helena demonstra a estranheza de sentir-se ameaçada, diante da vida que ainda corre (bela) em volta e da presença de sua própria materialidade:

*O canto do melro, ora perto, ora longe, invade o jardim cheio de sol. Tudo isto foi ontem. Foi ontem que eu sofri, ontem que era eu e agora já não sei mais quem sou. Miro minhas mãos pálidas que seguram a xícara de leite e penso: “cancerosa”. Esquisito, é a mim mesma que se aplica esta expressão infamante? Repito de novo para ver como soa: “cancerosa”, comparando-a agora a outro nome que ouvi muitas vezes na infância, da boca da minha avó, e que tinha o dom de me infundir o maior pavor: “tuberculose”. Sim, eram da mesma família sinistra, com o mesmo significado de morte [...] (p. 315).*

Após uma cirurgia bem sucedida, tudo retoma o curso normal: o sofrimento por “Nonô”. Ela reconhece, ao reler seus escritos, que há obsessão quanto ao problema de Lúcio Cardoso, e que a angústia (palavra tão presente no livro

quanto “morte” ou “medo”) drena suas possibilidades de alegria. Refugia-se, então, na música, que reconhece ser a constante de sua vida.

*CORO - [...] E aos mortais não cabe evitar as desgraças que o destino traz.*

Nos períodos iniciais, logo após o primeiro AVC de Lúcio, ou mesmo depois da morte do escritor, a música silenciou: Helena esteve entregue ao atordoamento, sem sua balsâmica companheira. Tempos depois, essa mesma companheira revelou estar a sensibilidade apenas adormecida:

*A maior alegria da descoberta de Brasília não foi o seu aspecto de cidade do futuro [...], mas o conhecimento da “Sinfonia Concertante em Mi Bemol”, de Mozart, K. 364. A mesma emoção dos primeiros tempos de música, alegria de descobrir que minha sensibilidade não se gastou ainda, como temia. Adormecida por uns tempos, devido ao cansaço, irrompeu de novo, vibrante como sempre foi. Ainda sou jovem, ainda não morri. Ouvi o andante numa sala clara, largas vidraças dando para a planície azul, imensa. Só a emoção, que pensava morte, valeu a viagem. (p. 09)*

É a música aquela que comunica a vida ainda existente em Maria Helena.

Em vários momentos a narrativa de *Vida – Vida* é entrecortada por adágios, quartetos, quintetos, sonatas... Podemos recolher cerca de cinquenta referências a peças variadas, de diferentes compositores: Mozart, Brahms, Beethoven, Schumann (muito querido), Schubert são os mais freqüentes. Clássicos e românticos, portanto, fazem a preferência da escritora, que assume desconfiar dos “modernos”.

A música, para Maria Helena Cardoso, não era um mero passatempo, mas uma dimensão que possibilitava um alargamento da alma, onde uma realidade subjetiva a libertava das opressões e sofrimentos exteriores. Talvez seja este o maior condutor da vida da memorialista: “E me dou conta de que uma grande parte de minha vida, se não toda, pelo menos a maior, pode ser medida em música” (p. 168).

Também a natureza provoca na escritora trincheiras de felicidade, onde a sensibilidade se expande além das mazelas cotidianas. Nesses momentos, de “sinfonias” verdes, com flores, *flamboyants* e *figus*, em dias luminosos e azuis, a serenidade a renova: “Pensei quanto a vida é simples e quanto mais simples ainda a felicidade. Por que sofrer por pouco, por que nos torturar, quando o mundo é lindo, a natureza inteira nos espera para nos oferecer as alegrias mais puras? Tão bom viver, tão bom ser feliz!” (p. 177) Os automóveis passando, as pessoas seguindo seus caminhos... “Mas que importa? Apenas ser feliz naquele minuto, sob aquele céu e a ramagem rendada, o sol juntando-se à minha

<sup>12</sup> Todas as citações, a partir daqui, referem-se a CARDOSO, 1973. Citaremos, portanto, apenas as páginas.

alegria. Por que era triste ontem e antes, mesmo? A felicidade é simples, tão simples quanto o amanhecer, o anoitecer, um dia como aquele”.(p. 177)

Maria Helena constata que a dificuldade de conviver com a morte (sua, de outros) é o apego que tem à vida e ao mundo. A serenidade da idade madura refreara os ímpetos da juventude, e os prazeres tornaram-se comedidos (música, plantas, livros, objetos lindos), mas a vontade de viver era ainda imensa. Desse imenso apego, surge a medida do profundo abismo do medo.

Apesar dessa intensidade, explode em seu aniversário: “Poderia cantar hoje, aos sessenta e quatro anos, de amor, de prazer de viver. Vida! Vida!” (p. 180).

Com a morte de Lúcio, Maria Helena Cardoso reorganiza sua vida. Vendo a chegada do homem à lua, compreende que há períodos marcados para uma virada – a renovação: “Tudo começa de novo, nós, a vida, a morte” (p. 384).

Observando o jardim, que nascera de um devaneio de Lúcio, ela encontra o irmão, mas na distância-próxima da memória. Interrompendo a saudade, retirando-a do impalpável, o telefone traz uma voz amiga que lhe proclama

saudade. “- Gente com saudade de mim? Ainda é bom viver” (p. 385)<sup>14</sup>. Novas histórias...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Socorro. *Rachel de Queiroz*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. 135 p.

CARDOSO, Maria Helena. *Vida – Vida*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973. 385 p.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002. 749 p.

GARCIA, Celina Fontenele. *A escrita frankenstein de Pedro Nava*. Fortaleza: Edições UFC, 1997. 222 p.

GREENE, Liz; SHARMAN-BURKE, Juliet. *Uma viagem através dos mitos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001. 209 p.

SÓFOCLES. *Édipo Rei – Antígona*. São Paulo: M. Claret, 2003. 143 p.

ZAGURY, Eliane. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. 169 p.

<sup>14</sup> Maria Helena Cardoso morreu em 1994, no Rio de Janeiro.